

BREVES NOTAS ETNOGRÁFICAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ALUNOS SURDOS

Denise Cristina Ferreira (1); Carlos Joseph Ramos Rafael (1); Patrícia Oliveira
Santana dos Santos (2)

*Doutoranda pelo programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - UFCG e professora de sociologia do
Estado e da União de Ensino Superior de Campina Grande, denisecristina20_cg@hotmail.com (1)*

*Mestrando pelo programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – UFCG e Professor da disciplina de
sociologia pelo estado da Paraíba (1)*

*Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.
patysfc@hotmail.com(2)*

Introdução

Nos últimos anos estamos vivenciados certa aproximação da sociedade com a cultura surda. São diversos segmentos da sociedade que tem voltado suas atenções para inserção deste indivíduo seja na educação ou mesmo no mercado de trabalho, mas nem sempre foi assim. De acordo com o IBGE a estimativa é que o Brasil possui cerca de 24,6 milhões de pessoas que apresentam algum tipo de deficiência. Destes cerca de 4,165 milhões se declaram deficientes auditivos, o que corresponde cerca de 17% do total de pessoas com deficiência. Aproximadamente cerca de 170 mil brasileiros se dizem surdos (IBGE, 2011). No entanto, pensar as diferenças é fundamental tanto no campo da educação, como também na saúde. Durante muito tempo, tanto no Brasil, como em outros países os indivíduos que não eram considerados “normais, eram excluídos. Não somente por alguma limitação física mas também devido questões sociais como a cor da pele, classe social, ou até mesmo gênero. Diante disto, nossa sociedade foi marcada por muitos destes momentos que de alguma maneira ainda reflete na sociedade atual na condição daqueles que são diferentes, como exemplo do surdo. Pensar a condição destas pessoas no campo da sociabilidade é fundamental, uma vez que, o processo educacional deve caminhar dentro deste processo de discussão e aceitação do outro.

Quando nos referimos aos surdos é importante situa-los dentro do contexto histórico social, cultural, educacional, político e econômico. Sabendo que por muito tempo os surdos foram considerados como “incapazes”, “deficientes” e sem “utilidade social”. Conforme, Dias (2006) até meados do século XVI os surdos eram vistos como ineducáveis e sem utilidade a sociedade. Devido a isto, enfrentavam o preconceito, a piedade, o descrédito e até mesmo a denominação de loucos. Já em 1760, o francês Charles de L’Epée, fundou a primeira escola pública que utilizava da língua de sinais e que estabeleceu as bases de um processo de reconhecimento, elaboração e aperfeiçoamento desta modalidade específica de comunicação, contudo, em 1880 durante o famoso congresso de Milão, houve a proibição do seu uso em escolas públicas.

E foi através da experiência do médico pesquisador italiano Gerolamo Cardano (1501-1576), que ele concluiu a surdez como algo que não prejudicava o aprendizado.

os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar suas vontades (JANNUZZI, 2004). Dando continuidade a partir disto começou a pensar em perceber o surdo a partir de observações e ao longo do tempo foi ficando perceptível que eles se comunicavam por meio de gestos. E esses gestos foram sendo aperfeiçoados e essa proposta previa que educadores deveriam aprender os sinais dos surdos, com o objetivo de ensinar sobre a sociedade de modo geral (LACERDA, 1998). Desta forma, neste período vimos surgir a Língua de Sinais, como meio de favorecer o ensino da língua falada. No entanto, a sociedade atual vem aos poucos se inserindo numa discussão acerca da importância da inclusão social, do estudo das diferenças e entre outros. Sabendo que os centros de educação vêm aos poucos se inserindo num debate importante acerca da inclusão social. Já são discutidos entre os alunos da área de saúde diversos temas que tem como foco principal pensar as diferenças.

Este estudo teve a pretensão de tratar da importância do conhecimento da comunicação dos estudantes do curso de odontologia com pessoas surdas. O objetivo deste artigo é apresentar um relato de experiência sobre visitas realizadas pelos alunos do curso de odontologia a escola de áudio comunicação (EDAC)-PB. Os objetivos específicos foram: perceber de que forma os alunos mostraram os procedimentos odontológicos; verificar quais métodos os alunos utilizaram para promover a interação; compreender a possibilidade da comunicação entre alunos ouvintes estudantes de odontologia com pouca ou nenhuma habilidade nas Línguas de Sinais e o surdo. Uma vez que é fundamental que este estudante se prepare para lidar com a diferença no seu campo de trabalho.

Metodologia

O público alvo do trabalho contou com alunos entre dez a quatorze anos de idade pertencentes ao ensino fundamental I e II. Tendo como objetivo geral apresentar a maneira como os alunos do curso de odontologia desenvolveram habilidades de comunicação, para a inclusão do paciente surdo nos cuidados com a saúde bucal. Essas visitas ocorreram entre o final do segundo semestre de 2017 e primeiro semestre de 2018, tendo como propósito sinalizar sobre a saúde bucal e a escovação, tendo como acompanhamento a interprete de libras e os instrumentos lúdicos do curso de odontologia. Por isso como instrumentos metodológicos utilizamos o diário de campo, a observação participante, relato das experiências dos alunos, câmera digital. A escolha pela referida escola se deu pelo fato de ser de uso exclusivo de alunos surdos e por necessitarem de orientações sobre o processo da prevenção da saúde bucal. Os sujeitos da pesquisa apresentavam deficiência auditiva severa ou profunda e grande parte residentes da zona rural da cidade de Campina Grande-PB. O número de sujeitos envolvidos foram de 40 pacientes surdos, contando com a coleta de dados a partir dos relatos de experiência dos alunos do curso de odontologia que prestaram o atendimento com o auxílio do intérprete da instituição pesquisada.

Resultados e Discussões

De acordo com Laplantine (2003), “A abordagem antropológica provoca, assim, uma verdadeira revolução epistemológica, que começa por uma revolução do olhar” (LAPLANTINE, 2003, p.22). Portanto, observar um campo é tentar descrever as relações e interações do ambiente. Nesse sentido, a etnografia como técnica de pesquisa para se pensar

na diferença e de fato para o abrir-se ao outro. Não ficando apenas nessa definição tomando contextos ainda mais significativos na sua análise. Uma vez que, praticar etnografia não se limita a escrever diários, estabelecer relações e mapear campo, mas de elaborar uma descrição mais densa sobre um grupo de pessoas e refletir, analisar o significado desses atos para elas, levando em consideração as particularidades do contexto o qual os indivíduos estão inseridos (GEERTZ, 1989).

As visitas foram realizadas no turno vespertino por se tratar de um momento em que os alunos eram considerados de um público infanto-juvenil. Inicialmente a chegada foi realizada por intermédio da direção da escola e da interprete. A interação foi desenvolvida em dois momentos: primeiro momento- uma palestra foi desenvolvida com o auxílio da interprete da escola, além de histórias fictícias sobre a saúde bucal; No segundo momento, foi realizada a interação entre surdos e ouvintes no processo de ensino-aprendizagem, incentivando assim a teoria e a prática.

Segundo o relato da aluna Rosa¹ “o momento da interação foi fundamental, pois foi a partir deste momento que entendemos que com o uso dos micromodelos (Figura 1) e da explicação eles entenderam a importância da escovação”.

Figura1 – Macro Modelo (Boca e dentes e escova).



Fonte: (Autoria própria, 2018).

De acordo com Girassol² “não é tão difícil o contato com eles basta que prestemos atenção, eu nunca tinha reparado na sinalização até um sinal (nome) eu recebi, como futuro profissional da saúde me sinto responsável pela qualidade de vida deles”.

Figura 2- Interação entre a aluna do curso de odontologia e a aluna surda.



Fonte: (Autoria própria, 2018).

Portanto, estas falas nos deixa claro que tal experiência foi proveitosa, uma vez que permitiu o envolvimento e a aproximação dos estudantes de odontologia com os surdos.

¹ Optamos por usar pseudônimo de flores para manter a privacidade dos alunos envolvidos, esse é um dos relatos das alunas que participaram deste momento.

² Relato de um aluno do curso de odontologia.

Conclusões

Portanto, constatamos que nas duas visitas a interação social entre os alunos se deu de forma gradual, sendo a principal fonte de interação entre eles o uso de historinhas fictícias e os usos de livros e macro modelos odontológicos. Esse momento de interação permitiu entender que os surdos parecem bem mais atentos e participativos quando são inseridos no processo de ensino- aprendizagem ficando claro o envolvimento dos alunos.

Referências

- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **IBGE**. Rio de Janeiro: 2000 [acesso 18 jul. 2011]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.
- JANNUZZI, G. S. M. A. **Educação do Deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004,243p.
- LACERDA, C.B.F.de. **A prática fonoaudiológica frente às diferentes concepções de linguagem**. Revista Espaço, Instituto de Educação de Surdo, v.10, p.30-40, 1998.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução: Marie- Agnès Chauvel São Paulo Brasiliense, 2003.